



VIVER INTER LI GENTE MENTE: É UMA PROVA DE FOGO!

MAGNA MARIA DE OLIVEIRA SANTOS ¹

MAGNA CECÍLIA SOBRAL SILVA ²

GT11- Educação e psicologia

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo trazer à tona as discussões do fazer as interligações com gente e mente, é levar em consideração o que diz o senso comum: “cada pessoa é um mundo”. Com isso, fazer o bom uso da inteligência é uma necessidade humana de sobrevivência. Viver a vida, com seus limites e regras, se faz necessário para o bem viver. É na com vivencia e ação com o semelhante que se pode enfrentar os problemas fundamentais que lhe são inerentes, numa busca constante de sentidos. Assim, os humanos criam laços/vínculos, ou mesmo, guerras. Prova de fogo que tanto o artista quanto cientista, à sua maneira, confirmam que viver é “ser um eterno aprendiz”. Portanto, trata-se de uma pesquisa básica, descritiva e bibliográfica, como também qualitativa.

Palavras-chave: linguagem.inteligente.gente,sentidos.viver.

ABSTRACT

The present research aims to bring up the discussions of making the interconnections with people and mind, is to take into account what common sense says: "each person is a world". Thus, making good use of intelligence is a human need for survival. To live life, with its limits and rules, is necessary for the good to live. It is in the experience and action with the like that one can face the fundamental problems that are inherent to it, in a constant search for meanings. Thus humans create bonds / bonds, or even wars. Proof of fire that both artist and scientist, in their own way, confirm that living is "to be an eternal apprentice." Therefore, it is a basic, descriptive and bibliographical research, as well as a qualitative one.

Keywords: intelligent language, senses.viver

¹ Autora -Pós-graduanda em Educação pela UNIFUTUROS; Pós-graduanda em Educação Global; Pós-graduanda em psicopedagogia pela Pio Décimo

² Coautora - Graduanda em Letras/Libras pela UFS, Mestranda em Educação pela UNIFUTUROS; Pós-graduanda em Psicopedagogia pela FAMA; Graduada em História pela UNIT; Pós-graduanda em Educação Patrimônio pela Faculdade Atlântico; Pós-graduanda em Educação Global pela UNIFUTUROS.



INTRODUÇÃO

Viver inteligentemente é uma prova de fogo, assim como, fazer o bom uso da inteligência é uma prova para além da necessidade humana. Pois, para viver é preciso valorizar a importância de gente, mente e linguagem. São elas que fornecem o resultado das relações entre os sujeitos e fazem a complementariedade entre emoção e razão, mente e mundo, consciente e inconsciente. Fazer as interligações com gente e mente, é levar em consideração o que diz o senso comum: “cada pessoa é um mundo”. Com isso, fazer o bom uso da inteligência é uma necessidade humana de sobrevivência.

O título deste texto, se não fugir do contexto, pode ficar sem razão, se não for o sentido subjetivo de quem o escreve: **Viver inteligentemente é uma prova de fogo!**

Para a psicanálise, a relação entre os impulsos e o funcionamento consciente, se dá a partir da transferência entre analista e analisando, na procura de significantes inconscientes para as manifestações conscientes, sejam afetivas e/ou cognitivas. Transferência que se estabelece em qualquer relação entre os sujeitos, facilitando ou não, o processo do conhecimento/pensamento. Onde o sujeito será sempre impulsionado por um sentimento.

Pulsões estas, limitadas pela cultura por existência de regra que marcará sua estruturação simbólica. Para (KANT apud Aquino, 1996), a disciplina é a condição necessária para o desenvolvimento do homem e deve servir para ensinar a criança a controlar seus impulsos e afetos. Na escola deve ser alfabetizada e ao mesmo tempo humanizada.

“Quero ensiná-lo a viver”. Com essa frase de (ROUSSSEAU, 1995), se deduz que só se aprende a viver vivendo, pois, aprender a viver é a primeira lição de vida, que é dada pelo Outro materno. O Outro Primordial dá uma significação particular àquilo que é de sua ordem desejante, quando inicialmente era apenas da ordem do orgânico. Ou seja, esse orgânico sofre o efeito da linguagem, que o significa (LACAN, 1995).

Viver a vida, com seus limites e regras, se faz necessário para o bem viver, ou seja, para o bem-estar na civilização. “Já que a sublimação é o destino imposto aos instintos pela cultura”, que segundo (FREUD, 1930), serviria “para afastar a inclinação constitucional dos homens para agressão”. Portanto, é na ação com o semelhante que se pode enfrentar os problemas fundamentais que lhe são inerentes, numa busca constante de sentidos. Assim, os humanos criam laços/vínculos, ou guerras.



Parafraseando Gonzaguinha², “Viver e não ter a vergonha de ser feliz” é uma máxima que requer ousadia, perseverança, flexibilidade e, sem nenhuma sombra de dúvida, amor à vida.

(MORIN, 2003) diria que: “Viver é conhecer e conhecer é computar construção e solução de problemas como condição para a vida”. Ele confirma que “espírito e cérebro persistem numa interdependência mútua”. Que mundo/espírito, corpo/mente estão em si, imbricados.

Viver Inter (li) gente mente é uma prova de fogo, porque nessa coexistência é necessária uma interligação de compreensão. O poeta e o filósofo, à sua maneira, confirmam que viver é “ser um eterno aprendiz”.

A prender sempre é a condição de ser gente falante, é a forma humana de lidar com suas provações, angústias e frustrações. Com as variações e mutações de suas emoções, como a Ira, Medo, Felicidade, Amor, Surpresa, Tristeza. Isso é ser humano! Um aprendiz elabora (dor) de ser gente!

Daí a importância da reforma do pensamento “moriniano” e porque não dizer elaboração ou análise pessoal dessa complexidade humana.

Viver inter (li) gente mente é sempre apreender a construção desses laços com gente e mente tão diversificadas. Onde o conhecimento deve ser respeitado e considerado de forma vivenciada, pois a própria vida é um ensinamento/aprendizado. E seu acesso nunca será completo, será sempre um processo em construção por meio de representações e concepções de um mundo bem particular.

O aparelho psíquico não se constitui apenas de tecidos neuronais, se constitui de linguagem, de representações. São tecidos por palavras, que bem-ditas ou mal-ditas, fará parte desse Ser que se interliga com gente e mente.

Como terá surgido a inteligência para esse animal falante? Será que a fórmula da inteligência do sujeito, surgiu da forma, como este foi aqui amparado, neste planeta? Quem ousaria desvendar a essência do enigma daquele que, começa a caminhar com quatro pés, depois com dois e termina com três? Quem terá respostas para as angustias humanas, a ciência, a arte ou a religião?

² Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, mais conhecido como Gonzaguinha, foi um cantor e compositor brasileiro.



Quanto à ciência! “Há uma coisa que Freud não falou, porque era tabu para ele, a saber, a posição do cientista. É igualmente uma posição impossível, só que a ciência não faz ainda a menor ideia disso”. E os cientistas sofrem com suas crises de angústia, ao sentirem-se responsáveis de uma criação para a salvação, tornar-se um instrumento sublime de destruição da vida (LACAN, 2005:61).

A ciência nasceu e vive para dar conta de uma explicação justificada sobre tudo o que diz respeito à vida. Justificativas para o aprender, o saber fazer, ser feliz, belo e perfeito. Talvez, com o intuito de justificar uma evolução ou para preservação de sua própria espécie, o homem persiste em querer normatizar comportamentos com teorias e técnicas sobre inteligência, definindo sobre ela, sempre um saber:

As inteligências múltiplas de (GARDNER, 1995), crê na importância dos sistemas culturais como oportunidades de aprendizagem, onde os sujeitos manifestam suas competências em diferentes graus.

A inteligência emocional de GOLLEMAN (1995), acredita na capacidade de reconhecer seus sentimentos e dos outros, “quem lida bem com os próprios sentimentos e com os dos outros, tem maior probabilidade de sentir-se satisfeito, ser eficiente”, e possivelmente inteligente.

VYGOTSKY (1896-1934) fala da inteligência como interação; propõe que a razão tem a capacidade de controlar as emoções mais primitivas, graças ao domínio cultural.

PIAGET (1979) quando fala da inteligência como adaptação, incorpora os valores que acredita terem relação entre a afetividade e a cognição. Ele diz ser indiscutível o papel do afeto no funcionamento da inteligência.

WINNICOTT (1999:90), complementa quando diz que a criança ao nascer, vive a “experiência de onipotência do bebê”, como magia ou ilusão cria-se um seio para sugar, sentindo-se todo com o mundo, em estado de completude, como um “sentimento oceânico”, diria (FREUD, 1930). Para ambos, essas primeiras experiências de satisfações do bebê trazem efeitos significantes, e serão marcas que proporcionará a inteligência, pois se o bebê chora, chora em busca dessa vivência primeira de satisfação. E assim, seguindo a ideia lacaniana “sabemos que essa busca se repetira, na medida em que aquela experiência primeira de satisfação, não se faz possível” LACAN (1995). Assim, esse pequenino cresce em busca da felicidade perdida.

É nessa busca constante e desenfreada por seu desejo, que pode ter surgido a inteligência coletiva, criada por LEVY, (1998), quando constata que os seres humanos são



incapazes de pensar por si só, sem o auxílio de qualquer ferramenta. Ou seja, o ser humano é incapaz de ser feliz sozinho, como disse o poeta.

WALLON (1979), já havia dito que a origem da inteligência está nas primeiras emoções diretamente ligadas ao desenvolvimento do orgânico. Querendo dizer que o desenvolvimento da inteligência humana acontece com a passagem do eu orgânico para o eu psíquico pela via dos primeiros afetos/emoções.

O animal falante é um ser de afeto, sedento de amor, ansioso para ser **gente** e desejoso de vencer essa prova de fogo, que é viver! Pois como diria Viktor Frankl, “o ser humano não é alguém em busca de felicidade, mas sim alguém em busca de uma razão para ser feliz”. Afinal, ele é o inventor das câmaras de gás da Auschwitz; mas é também aquele que nela entrou orando um Pai Nosso (FRANKL, 2008:162). Confirmando por sua própria vivência “que o amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo de sua personalidade”. (FRANKL, 2008:136). Capacitando a pessoa que ama a capacitar a pessoa amada na realização de suas potencialidades. Tornando-a capaz do que ela pode vir a ser. Ou seja, o amante descobre seu próprio potencial investigando o potencial do ser amado. É o que LACAN (1998) chamou “o milagre do amor! ”

Assim, a ciência quanto a religião, catam palavras para nomear os sentimentos dessa gente falante, que não é só provido da biologia ou fisiologia, para viver ou sobreviver. Se a ciência busca uma explicação, a religião também não fica para traz em nenhum aspecto. “É inclusive impossível imaginar quão poderosa é a religião”. Ela conseguirá triunfar sobre muitas coisas, inclusive a ciência, ou mesmo a psicanálise (LACAN, 2005:65). Pois ela é capaz de dar sentido a qualquer coisa, mesmo as experiências mais curiosas do ser humano. E os cientistas angustiam-se por isso.

Não é essa a busca humana? Um sentido à vida!

Sentidos ou sentimentos das experiências do dia a dia, “que farão uma composição corpo-mundo através da linguagem”, é o que (MERLEAU-PONTY apud Kon, 2014) chamou de possível denominando de “logos do mundo estético”, ou seja, um mundo de significações sensíveis constituintes do corpo/mundo, e estes, garantirão a possibilidade da intersubjetividade, também entendida por Inter corporeidade. Mesmo que a linguagem seja reduzida pela ciência à emissão de sons e pela filosofia a uma tradução imperfeita de pensamentos, “a palavra não é uma mera tradução de um sentido mudo, mas sim criação de sentido” (KON, 2014:41).



A palavra cria um sentido, muitas vezes, um **sentido sem sentido, inconsciente**, para realizar a satisfação dos desejos proibidos. E assim, alguns seguidores religiosos justificam e realizam seus desejos palavreados por uma boa, mal interpretação dos seus objetivos. ***

Então: A religião é feita para dar sentido e curar os homens, como também “é feita para que não percebam o que não funciona”... “Somos doentes, é tudo. O ser falante é um animal doente”. “No começo era o verbo”... “Quando tivermos nossa cota, pararemos com isso e nos ocuparemos com as coisas verdadeiras, isto é, o que chamo de religião” (LACAN, 2005:72/76/78). Ou seja, uma ocupação com o ser, na produção de sentido, para não estar nem entre os angustiados ou os que se alarmam.

Quanto a arte! Ela ocupa o espaço vazio, levando o sujeito a religar-se (religare/religião) a um sentido como expressão e alívio diminuidor da sua angústia. A poesia é essa magia de falar ou escrever que sugere emoções por meios de uma linguagem que se combinam sons, ritmos e significados. É o corpo espiritual e sensível, que em oposição a prosa, navega por ondas profundas. A possibilitar ao ser humano, o conhecimento, sabedoria e compreensão dos mistérios em que se encontra envolvido. Pois, como também profetiza o poeta: “Ninguém quer a morte. Só saúde e sorte!

A arte é terapêutica! Já disse SILVEIRA (1981). Seja ela, como qualquer modo de expressão, está integrada a um corpo, que não é fixo e completo, mas em construção, em movimento. Como diria o dançarino sergipano Joao Bosco, “um corpo que retrata sua própria história e integraliza-se num intenso ato de reconstrução, compartilhando memória e fazendo cultura” (SANTOS, 2014:19).

A arte também é solução para o bom andamento do social, reunindo e unindo gerações. É equivocado dizer que o teatro nasceu na Grécia, quando pintavam nas cavernas, dançavam nos rituais, imitava através de suas flautas o barulho do vento e da chuva, os homens já faziam arte. Depois com a visão tecnicista foi que a sociedade moderna separou a arte da vida. (BARROSO, 1995). Cabendo à arte, um valor secundário para o capital, mas para a subjetividade humana, suas inter-relações e elaborações dos processos inconscientes, ela é de valor primário. Por isso, Barroso ressalta a necessidade de estudar artes, seja tradicional ou popular, como: artesanato, culinária, festas populares, romarias, folguedos e rituais religiosos.

Sabe-se que a capacidade de uma arte para fazer sentido varia de indivíduo para outro, é, como todas as outras capacidades plenamente humanas, é um produto da experiência coletiva que vai bem mais além dessa própria experiência. “A arte faz parte da vida e não há



outro meio de interpretá-la senão dentro do curso da vida do mundo” (GEERTZ, 1978). A arte é uma linguagem não falada, nem sempre em busca de interpretação, embora, ela própria, dar uma interpretação à vida.

Interpretar a vida é buscar um sentido para ela. Pois “aquele que considera sua vida e a dos outros sem qualquer sentido é fundamentalmente infeliz, pois não tem motivo algum para viver” (MONTEIRO, 1988). É nesse sentido, na busca do espírito da **coisa** que a arte resgata o verdadeiro sentido da vida e, como consequência, a felicidade tanto procurada.

“A felicidade depende como o ser humano foi constituído na sua integridade interior, ” é um objeto subjetivo onde “a construção dessa integridade tem seus alicerces fincados já nos primeiros meses de vida, e sua estrutura certamente estará completa por volta dos seis ou sete anos” (DIAS, 1994:256). Ela não tem código de barra, não é um objeto mercantilista. É uma construção contínua, na qual, a partir dos sete anos de idade, segundo Rudolf Steiner “é que a criança estará amadurecida para a escolaridade, até lá, seu aprendizado será para desabrochar os sentimentos que servirão para a construção do Eu”. Onde “novas forças, memória e raciocínio estão disponíveis para a idade escolar” (STEINER, apud LANZ, 1979:36).

Sabe-se que, “as relações sociais, como a relação entre mãe e filho, têm grandes efeitos no crescimento, na visão e em todo tipo de coisas”. Coisas que fazem dos órgãos dos sentidos, o saber-se humano, que faz com que a criança cresça com habilidade física e psíquica. “Ninguém entende muito sobre isso, mas a interação parece ser exigida para os sistemas internos funcionarem apropriadamente. E as línguas são assim” (CHOMSKY, 1998:69/70).

Os humanos são constituídos pela linguagem. E através dela, bem se quer ou mal se quer. Linguagem que tenta dar conta de um dizer, como agora ao retomar, para não se perder, o objetivo do contexto deste texto. **Viver inter (li) gente mente** é viver com gente em busca de sua constituição, de um sentido e da felicidade. Por ela constrói-se ancoras ou alicerces.

“O alicerce da saúde mental”, Winnicott considerou como ponto pacífico, o que não poderia antes, ter sido aceito por médicos, “que a base fundamental da saúde mental adulta é construída na infância e, é claro, na adolescência” (WINNICOTT, 2012:191). Ele ressalta que o amor e o ódio são elementos constituintes das relações humanas. E estes envolvem agressão, que pode ser sintoma de medo. “Tenho consciência... de que todo o bem e o mal encontrados no mundo das relações humanas serão encontradas no amago do ser humano.



Levo esse pressuposto mais longe afirmando que no bebê existe amor e ódio com plena intensidade humana”. (WINNICOTT, 2012:93).

A intensidade das linguagens que constituem as relações, com amor e/ou ódio contribuirá para o desabrochar dos sentimentos, uma repetição, seja para o bem ou mal. Fica claro e declarado a importância das palavras para a formação das crianças, na educação familiar e institucional. Nas quais, essas inteligências ou interligações com gente, nas primeiras confecções e ações de linguagens, são relevantes para sua estruturação. Por elas, cogitam-se e criam-se teorias que tentam dar conta de um saber, também sentido, sobre o outro.

Busca-se sempre uma interpretação da inteligência humana: Seja do ponto pacífico na **experiência de onipotência** de Winnicott, ou na **construção do Eu** em Steiner, como no vislumbre do que foi chamado de **logos do mundo estético** por Merleau-Ponty, e assim, entrando no jogo da **disciplina** em Kant, somando com **as inteligências múltiplas** de Gardner, **a emocional** de Goleman, a **coletiva** de Levy; levando em conta a **adaptação de Piaget e interação** em Vygotsky. Tudo isso, ou um pouco de cada isso, para dizer que o **eu orgânico** de Wallon é apresentado ao mundo, tornando-se um ser da **ordem do desejo** Lacaniano ou o mesmo **o objeto perdido**, a interpretar **o objeto** para **além da necessidade** Freudiana, formando assim, uma teia do **pensamento complexo** em Morin, onde todos têm a perspectiva de querer chegar a uma possibilidade da verdade do sujeito.

“Eles querem chegar ao âmago, se é que isso é possível” (FORBES, 2015:23). Chegando no campo das possibilidades do possível, onde se fica apenas com o gosto do sabor por saber. Pois em toda linguagem existe um furo, “a palavra não consegue jamais representar totalmente a coisa que ela pretende significar”.

Então, para dar conta do indizível desse vazio, a palavra articular-se a outras criando um discurso em busca de sentidos. É esse furo na linguagem que possibilita a criação dos discursos. Ou seja, é nesse vazio que se encontra uma produção de sentidos, um sabor de saber. “É porque o sabor é essencialmente conhecimento que ele é dito brilhante pela sua própria vivência”. Sabor que o poeta assim, como o filósofo e o cientista, degusta ao buscar o saber da “essência da palavra” para dar conta do ser, confrontando-se com seus sentimentos (DAUMAL apud FORBES, 2015:27).

Significa que a emancipação humana se faz com as relações sociais onde a vida é produzida e sua formação, nesse sentido, se supõe a compreensão dessas relações e todos seus



fenômenos. As teorias apresentadas sobre a constituição da inteligência no humano conferem convergências quando fala da importância das emoções e dos afetos para a humanização.

A qual é iniciada pelo Outro e não podendo assim, existir o eu, sem o outro. Como todo órgão se faz necessário à funcionalidade de um corpo; os afetos se faz necessário à constituição do sujeito habitante desse corpo. Nada que se inscreve ao corpo, escapa a linguagem. Pois ela transcende o biológico para o Ser inter (li) gente, onde o aparelho psíquico não é nada mais, nada menos que palavras.

Transcendência que só o animal falante, através do amor, tem a chave para abrir caminhos pacíficos e conquistar a paz. E nesses caminhos, seja com a ciência, arte ou religião, que podem ser tortuosos ou não; ele resolva os problemas, encontrem soluções, e enfrentem desafios. Afinal, não foi outra coisa o que ele veio fazer aqui neste planeta: “O cumprimento de todos os desejos, onde ele surgiu como um fraco animal, e onde cada indivíduo tem que novamente entrar, como uma desamparada criança de peito” (FREUD, 1930).

Esta profecia freudiana, consiste no ensinamento de assumir a prosa e viver a poesia da vida. A prosa como o real, o enfrentamento, o endurecimento, o material, ou seja, o corpo físico visível e palpável. A poesia como a fluidez do viver nas relações, como o amor, a fé, a amizade e a solidariedade. E assim, enfrentar com gente, seu semelhante, sua marca de nascença: O desamparo.

Essa é uma prova de fogo, se quiser Viver Inter li gente mente!

REFERÊNCIAS

Alejandra Glaze, Fernanda Otoni Barros Brisset e Maria Elisa Delecave Monteiro. **A saúde para todos, não sem a loucura de cada um:** perspectivas da psicanálise. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

AQUINO, Júlio Grappa. **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente:** Pensamentos atuais sobre antigos problemas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

DIAS, Marco Aurelio da Silva. **Quem Ama Não Adoece:** O papel das emoções na prevenção e cura das doenças. Circulo do Livro. Sao Paulo/SP: 1994.



FORBES, Jorge. **Da palavra ao gesto do analista**. Barueri, São Paulo: Manole, 2015.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Freud: Mal-estar na civilização**, 1930. Disponível em:

<http://copyfight.me/Acervo/livros/FREUD,%20Sigmund.%20Obras%20Completas%20%28Cia.%20das%20Letras%29%20-%20Vol.%2018%20%281930-1936%29.pdf> . Acesso em 13 de abril de 2015.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1978.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1995.

KON, Noemi Moritz. **Freud e seu duplo**. São Paulo, Editora da universidade de São Paulo, 2014.

LACAN, J. (1901-1981). **O Seminário, Livro 4: A Relação de Objeto**. RJ: Zahar, 1995.

_____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O Triunfo da religião**, precedido de Discurso aos católicos. Mandil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LANS, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: Caminho para um ensino mais humano**. São Paulo. Summus: 1979.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo. Edições Loyola, 1998.

MONTEIRO, Irineu. **Einstein: Reflexões filosóficas**. São Paulo: Martin Claret:1988.

MORIN, Edgar, 1921- **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PIAGET, J. **Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.



ROUSSEAU, Jean-Jacques 1712-1778 **Emílio**; ou, Da educação / Tradução 3.ed. de Sérgio Milliet. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SANTOS, Joao Bosco Torres. **A dança em cena**: reflexões sobre a criatividade nos processos coreográficos. Aracaju: J. Andrade, 2014.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra; 1981.

WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa, Vega. 1979.

WINNICOTT, D. W. (1896-1971). **Os Bebês e Suas Mães**. SP: Martins Fontes, 1999. W. _____ **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.